

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

TRADIÇÕES POPULARES

OS DESCANTES

Entre os diversos costumes, tão originaes e pittorescos, que riosamente exornam a minha terra,—sem duvida, das mais ricas e opulentas do paiz em tradições populares—ha um, que me é duplamente e em extremo sympathico e agradavel pelo delicioso aroma de poesia simples, ingenua e primitiva que d'elle se evola, e pela sua antiguidade remota e secular.

Quero referir-me aos descantes na via publica.

Quem nunca passou á margem esquerda do Guadiana e não se demorou por algum tempo n'este saudavel e uberrimo torrão do Baixo-Alemtejo chamado Serpa—a patria carinhosa de Corrêa da Serra, Christovão d'Almeida e Corte Real de Abranches—certo, não poderá bem aquilatar d'este costume genuinamente popular e accentuadamente transtagano, que Serpa mantem em todo o esplendor e com bem apreciavel e interessante *cachet* local.

* * *

Os descantes são, por assim dizer, peculiares aos camponezes. Essa pobre e soffredora gente que leva a vida inteira a moure-

jar disseminada pelos campos—á chuva, ao sol, ao frio, encontra no canto cosal como que doce compensação á rudeza do labor que a subjuga desde o berço até á sepultura; e assim, sempre que os seus breves ocios lh'o permittem, os valentes operarios do campo—agrupados em uma ou mais filas horisontaes—percorrem as principaes ruas da povoação em estridulo cantar.

Ao som da classica viola ou do machete—instrumentos que o camponez esperto e ladino aprende a tocar logo em creança, ainda quando *moço do monte* ou *azagal*—e n'um rhythmo ora arrastado ora rapido, mas quasi sempre saudoso e dolente, elles então as canções da sua e da minha terra—as mais bellas, as mais formosos, as mais inspiradas e ardentes; as mais amorosamente expressivas e expressivamente *ravissantes* que ainda me foi dado escutar em todo o nosso Portugal!

Releve-me a benevolencia do leitor, a patriotica ousadia de apresentar nas seguintes quadras, colhidas ao acaso, uma pequena amostra d'essa poesia encantadora de simplicidade, e ao mesmo tempo elegante e suggestiva, que brota espontanea da alma popular:

O amor nasce dos olhos,
Mais da mão, quando se aperta;

Em chegando ao coração...
Não digo mais, et cætera.

«Amores ao longe esquecem»
Mo disseste tu a mim.
Só se tu de mim te esqueces,
Que eu não me esqueço de ti.

Altos ceus vac uma nuvem,
Todos dizem: «Bem n'a vi».
Todos fallam e murmuram,
Ninguem olha para si.

Minha laranginha azoda,
Salpicadinha de doce.
O amor é como a vida:
Em se acabando... adeus, foi-se.

Quatro coisas, n'este mundo,
Eu desejava aprender:
Cantar bem, tocar viola,
Namorar e saber lor.

*
* * *

Os grupos de cantadores attingem ás vezes enormes proporções. Assim succede por occasião das festas religiosas de Santo Antonio, S. João, S. Pedro, Natal, etc., e muito especialmente depois do *apanho* da azeitona, quando se realisa alguma *adiafa*. N'estas festas semi-pagãs, que bem podemos qualificar de verdadeiras festas do trabalho rural, não è raro que os grupos reuam tresentas e quatrocentas pessoas, então de ambos os sexos. E chegam a ser deverás imponentes, magestosas, tão exquisitas procissões seculares compostas de homens e mulheres, em péle-mêle, to los vestidos com os seus graciosos trajos campezinos e cantando em côro, n'uma prodigiosa afinação e harmonia, como se obedecessem aos mais rigorosos preceitos da arte musical!

*
* * *

O habito dos descantes está profundamente radicado no espirito da população d'esta localidade. Subsiste e continuará por largo tempo a subsistir—a despeito de quantas leis prohibitivas possam ser invocadas em nome de uma pseudo—civilisação iconoclasta e postica—não só em virtude da força da tradição, que é de per si resistente e poderosa, mas ainda porque os descantes correspondem, em parte, a uma necessidade psychophysiological derivada da grande lei universal—o Amor. De facto: o misero camponez que vegeta inculto e rude, litteralmente extranho aos *mysterios fataes da orthographia*, possui não obstante, como nós outros, um cerebro que pensa e um coração que sente e que palpita; e, d'est'arte, ávido de expansão, elle procura reflectir no lúcido crystal das estrophes populares, pronunciadas *vis-à-vis* da sua amada, os mais intimos e reconditos estados d'alma—penas e magoas, alegrias, enthusiasmos, desesperos, ciumes, aspirações...

Dias Nunes.

(Do volume 2.º da obra *Linguagem e Tradições populares da villa de Serpa*—prestes a sahir á luz.



CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO
-ALEMTEJO
ORGANISADO POR
DIAS NUNES

I
E's uma flôr, um jasmim,
'Stou enlevado em teu rosto;

O bem-querer não tem fim,
Tu és muito do meu gosto.

II

Eras meu bem?—Não ha tall
Foste meu mal, isso sim.
Tambem foste liberal
Em dares cabo de mim.

III

Ninguem d'amores como eu!
(D'esta sorte estou campando...)
Tenho o meu amor mais firme
Do que uma rocha abanando!

IV

Ninguem d'amores como eu!
(D'esta sorte estou-me a rir...)
Tenho o meu amor mais firme
Do que uma rocha a cahir!

V

Já um rico se quiz pôr
A' mão d'reita de Deus padre,
E os anjos lhe responderam:
«No ceu não ha gravidade».

VI

O' anjo, pergunta a Deus
Se eu no ceu terei entrada.
Se os meus olhos te offenderam,
Minh'alma não é culpada.

VII

Que alegria pôde ter
Uma triste rapariga?
Por amar e querer bem,
Querem-lhe tirar a vidal...

VIII

Desejava que me ouvisses
A minha lamentação!
De noite accórdio bradando:
—Oh ingrato coração!...

IX

Eu me desejo esconder
Debaixo do chão que eu piso.
E' tanta a minha desgraça,
Sem fallar *descandaliso*.

X

Que queres, amor, que queres
Do jardim d'este meu peito?
Se queres meu coração...
Mette a mão, tira-o com gesto.

XI

Teus olhos a amar ensinam
Os meus, que depressa aprendem.
Se os teus olhos são espertos,
Mais são os meus, que os entendem.

XII

Teus olhos a amar me ensinam,
Os meus gostam de aprender;
São lições, continuêmos,
Deixar o mundo dizer.

XIII

Fui dispôr uma saudeade
Juntamente a um botão.

Tens um lugar separado
Dentro do meu coração.

XIV

No tempo em que eu era amante,
A's vezes me acontecia
Dar passadas de *marchante*...
E em vez do ganhar, perdia.

XV

Para que negas um beijo
A quem tanto amor te tem?
Sendo esse o teu desejo,
Não seria o meu tambem?!...

XVI

O mar pediu a Deus peixes,
Na manhã de S. João.
Quando o mar pede companhia,
Que fará meu coração!

XVII

O mar pediu a Deus peixes,
O peixe pediu montanha;
O homem pediu foiteza,
A mulher, malicia e manha.

XVIII

O sete-estrello vae alto,
Mais alto vae o luar;
Mais alto vae a ventura
Que deus tem para me dar.

XIX

Anda cá meu bago d'oiro,
Prenda da mêsá do rei.
P'ra lograr esses teus olhos,
Que saltos eu não darei!

XX

Eu cuidava, com o tempo
Minha pena acabaria...
Mas ella vae em augmento
A toda a hora do dia!

XXI

O' meu amor, meu amor,
Das duas ha-de ser uma:
Ou hei-de casar contigo,
Ou hei-de correr fortuna.

XXII

Quando meu bem se ausentou,
Tros dias não 'stive em mim;
Tive uma paixão tão grande
Que julguei-a não ter fim.

XXIII

A paixão em mim
Já se não acaba...
Quando estou sem ella,
'Stá o mar sem agua.

XXIV

Eu sósinha vivo bem
Sem dar cavaco á traição,
Se acaso não acreditas
Faze uma experimentação.

XXV

Desprezas-me a mim por pobre?
E eu a ti, por seres judeu.

Olha a differença que faz
O meu sangue para o teu.

XXVI

Desprezas-me a mim por pobre,
E amas a rica, por ter.
Póde a rica desprezar-te
E eu ser pobre e não te querer.

XXVII

Eu pedi a Deus dos ceus,
(Assim m'o queira fazer!)
Tê ao fim da minha vida
Ninguem ter que me dizer.

XXVIII

Dizes de mim, dizes d'outra,
Tua fama vae correndo...
Coitadinha da tu'alma
Que anda no inferno ardendo!

XXIX

Quando as pedras banharem,
E a cortiça fôr ao fundo,
Então deixará de haver
Linguas malvadas no mundo.

XXX

A vidraça do meu peito
Ha dias que se não abre;
O amor que n'ella existe
Anda ausente e tráz a chave.

XXXI

Desgraça, pouca ventura,
Sò a mim caiu em sorte.
Por amar e querer bem
Chegam-me ás portas da morte!...

XXXII

Quando me dispuz a amar
Deitei sortes á ventura;
Quando me quiz retirar
Já meu mal não tinha cura.

XXXIII

Pareço que alguma fera
Te deu o leite a beber!
Tens um genio tão altivo
Que não te posso soffrer.

XXXIV

Meu amor já me deixou,
Desprezou-me inteiramente;
Desprezou-me a mim sem causa:
Fez o gosto á sua gente.

XXXV

Ainda que o sol se esconda
Que se não veja o clarão,
E o mar se torne em rochedos,
Sempre é teu meu coração!

XXXVI

Quando a sorte é adversa,
Nada vale ao infeliz.
Inda ninguem alcançou
O que a fortuna não quiz.

XXXVII

Asscutado n'uma pedra

Ouvi dar a meia-noite.
Coitado de quem espera
O que ha-de vir das mãos d'outrem!

XXXVIII

Eu tenho uma carta feita,
Assim alguém m'a levasse
Ao amor da minha vida,
E nas mãos d'elle a deixasse.

XXXIX

O' minha salva de prata,
O' meu copo de Veneza,
O' minha corrente d'oiro
Onde a minh'alma 'stá preza.

XL

Inda sou quem era d'antes,
Inda te faço visitas.
Em chegando á tua rua
As pedras p'ra mim são fitas.

XLI

Inda sou quem era d'antes,
Inda sigo os mesmos passos.
Em chegando á tua rua
As pedras para mim são laços.

XLII

O sol prometeu á lua
Uma fita de mil cores.
Quando o sol promette prendas,
Que fará quem tem amores!

XLIII

Encontrei o sol, de noite,
Na rua dos mercadores.
Quando o sol anda de noite,
Que fará quem tem amores!

XLIV

O sol anda que desanda,
Dá mil voltas p'ra se pôr.
Eu não ando que desando,
Sou leal ao meu amor.

XLV

O sol é arco da lua
Onde subiu a lindeza.
Trata-me com lealdade
Que eu te amarei com firmeza.

XLVI

Toda a moça que não tem
Na cara bonita côr,
Ou lhe doe o coração,
Ou 'stá mal co'o seu amor,

XLVII

Isto não é de quem quer
Fugir á lei do amor:
Deixo pae e deixo mão,
Vou p'ra onde o men bom fôr.

XLVIII

Se cu te não amo deveras,
Nunca eu tenha bom fim!
Ceus e terra, fogo e agoa,
Seja tudo contra mim!

(Continúa)